

## Editorial

### A FILOSOFIA NO BRASIL: DESAFIOS

Identificando-se com os desdobramentos de uma tradição colonialista, o pensamento filosófico no Brasil deixou-se predominar com muita facilidade, pelos artificialismos do mundo acadêmico, atrofiando sua capacidade de colaborar na construção da cultura de nosso país. Restrita aos conventos e seminários, formalizada nos currículos das Universidades e pouco à vontade na dinâmica da vida cultural de nossa sociedade, a filosofia praticada entre nós está passando por uma profunda crise. Não mais uma crise por falta da presença dos últimos modelos do pensamento estrangeiro, mas uma crise provocada pelo questionamento de sua própria significação e de seu papel no contexto sócio-cultural brasileiro. De repente, a maioria dos que estão envolvidos com a filosofia, sem dúvida já embrenhados no complexo emaranhado da vida e distantes do acalento das academias, se põem a perguntar o que significa, assim, filosofar nesse contexto, qual a contribuição da filosofia e como se constitui uma filosofia que possa participar dos debates surgidos da dinâmica de nossa existência social, econômica, política, educacional e cultural. É claro que esta não é uma crise isolada da filosofia: é toda a consciência pedagógica e política que está em crise em decorrência da elevação do nível de percepção da inadequação das condições concretas da existência do homem brasileiro às exigências de uma vida mais humana. Nesta perspectiva, é todo o projeto da nação brasileira que é questionado. E deste questionamento não poderia mesmo escapar a filosofia, com seu discurso tão suscetível de se identificar com o discurso do poder e de se mistificar sob os laços do pensamento ideológico e suas artimanhas.

Acuada de fora, desprestigiada que é pela burocracia que administra a cultura e a educação no Brasil, não contando com raízes profundas na tradição cultural do país e insegura de seu próprio valor, a filosofia brasileira está titubeante, ela hesita, não sabendo libertar-se das limitações do universo acadêmico e andar, com largos passos, no universo social, cultural e político que lhe impõe, assim, grandes desafios.

Mas a verdade é que ela vem revelando uma persistente vitalidade para enfrentar estes desafios. Sem dúvida, sua prática é dilacerada por muitas contradições. Muitos insistem na solução do comodismo, da conve-

niência, do oportunismo, do artificialismo. Mas, em compensação, muitos buscam caminhos novos, reconhecendo nos vários aspectos desta crise, desafios e provocações para que se redobrem as esperanças e as lutas.

No Brasil de hoje, em todos os meios culturais, a filosofia vai marcando sua presença, está tentando deixar os traços de sua contribuição específica, em todos os setores das atividades humanas.

Como anunciamos no número anterior, o Departamento de Filosofia da PUC de Campinas está desenvolvendo uma pesquisa, de nível nacional, sobre a prática da filosofia no Brasil. Gostaríamos que ela viesse a significar, com seus resultados, não só um sinal da vitalidade do trabalho filosófico no Brasil ou o seu retrato fiel, mas sobretudo uma contribuição significativa para o melhor conhecimento mútuo daqueles que se dedicam à filosofia, uma convocação para a união de todos, para o empreendimento mais solidário de projetos coletivos que sejam eficazes na efetivação desta desejada contribuição da filosofia para o debate nacional das questões fundamentais que nos concernem.

A filosofia brasileira enfrenta desafios sérios. Mas não pode deixar de encará-los com firmeza. Ela é sabedoria, sem dúvida, mas é também testemunho profético: simultaneamente denúncia e anúncio; crítica rigorosa e proposta construtiva; disciplina lógica e pedagogia política. Numa palavra, ela é radicalmente compromisso histórico.

A REDAÇÃO